

Traduzindo as metamorfoses de narradora-mãe-tradutora: Marcela Lanius e a *Máquina de leite*, de Szilvia Molnar

Translating the metamorphoses of narrator-mother-translator: Marcela Lanius and Nursery, by Szilvia Molnar

Emanuela Siqueira

Universidade Federal do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6810-412X>

Resumo: *Máquina de leite* é um romance escrito, em inglês, por Szilvia Molnar, e traduzido ao português brasileiro por Marcela Lanius. O texto, narrado em primeira pessoa por uma protagonista sem nome, é um cuidadoso projeto de escrita entre a autora e sua personagem tradutora, esta última em vias de se tornar mãe pela linguagem. Marcado pelo tom muitas vezes grotesco da metamorfose corporal do pós-parto, o romance exige de quem traduz a articulação de si, e da língua de chegada, a fim de fazer o projeto de tradução ecoar em experiências brutais e afetivas da maternidade. Nesta entrevista, Marcela Lanius conta sobre o seu projeto de tradução que procurou entender, traduzir e recriar as estranhezas do texto de partida.

Palavras-chave: Szilvia Molnar; estudos feministas da tradução; maternidade.

Abstract: *The Nursery* is a novel written in English by Szilvia Molnar and translated into Brazilian Portuguese by Marcela Lanius. The text, narrated in the first person by a nameless protagonist, is a careful writing project between the author and her translator character, the latter on the verge of becoming a mother through language. Marked by the often grotesque tone of the bodily metamorphosis of the postpartum period, the novel requires the translator to articulate herself and the target language in order to make the translation project resonate with the brutal and affective experiences of motherhood. In this interview, Marcela Lanius discusses her translation project, which sought to understand, translate, and recreate the strangeness of the source text.

Keywords: Szilvia Molnar; feminist translation studies; motherhood.

Marcela Lanius é tradutora, revisora e pesquisadora. Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, com toda formação na mesma instituição, sempre pesquisando nos estudos da tradução e em diálogo com os estudos feministas. Traduziu para o português brasileiro o romance *Máquina de leite* (*The Nursery*, em inglês), da escritora e profissional de direitos de publicação de obras internacionais, Szilvia Molnar, publicado no Brasil em abril de 2024, pela editora Todavia.

Máquina de leite é um romance narrado em primeira pessoa, que apresenta um relato visceral de uma mulher tentando entender as metamorfoses do seu corpo entre a gravidez e o pós-parto. A

tradutora, sem nome, é casada com John e acaba de parir Button, sua bebê. Há também a presença de Miffo, uma espécie de duplo monstruoso da narradora, que surge em momentos específicos da maternagem. Em vias de construir essa experiência metamórfica pela via da linguagem, a romancista se alia com a protagonista tradutora para narrar essa experiência em um projeto de escrita bastante minucioso, que propõe vários deslocamentos a quem traduz. É justamente na tradução que o projeto de escrita funciona “em línguas”, fortalecendo a recepção e a mediação da obra enquanto narrativa que toca em experiências múltiplas, apesar de surgir de um relato localizado:

Eu era tradutora, mas agora sou uma máquina de leite. Ambos são empregos solitários e não sou lá uma pessoa extrovertida, então, traduzir é algo que combina comigo. Não me importo de estar à sombra. Há um prazer meio masturbatório em produzir um livro que possa ser lido e aproveitado por outras pessoas, sem precisar lidar com a pressão de criar o texto. Ainda que eu tenha vontade de criar algo só meu. E, se o trabalho de uma mãe é em grande parte um trabalho que não é visto, traduzir talvez seja muito mais maternal do que eu achava (Molnar, 2024, p.82).

Na tradução de Marcela Lanius é possível perceber a articulação da tradutora com o texto de partida em vários momentos. Um dos principais é como a escrita desliza em português brasileiro, não só por trazer a visceralidade do ritmo da escrita de Molnar – assim como sua tensão com a própria protagonista, que narra –, mas também com o trabalho, sempre árduo, de “passear”, como a tradutora chama, pelas línguas da escritora que nasceu em Budapeste, cresceu na Suécia e mora nos Estados Unidos. Um dos trechos, destacado por Marcela Lanius na entrevista, aponta o jogo de cintura que a tradutora teve que operar na língua materna da protagonista e na língua de chegada da tradutora brasileira, fazendo as frases soarem muito bem sem parecem domesticadas:

Para, você tá me deixando com fome respondo, tentando recuperar meu celular. Nós esperneamos e gargalhamos e caçoamos e fazemos cócegas até eu ficar sem ar. Eu me separo daqueles braços tão cheios de amor e, ainda rindo, vou até a geladeira. John começa a mexer no próprio celular e vai tagarelando, meio que para si mesmo, listando todas as coisas que ainda precisamos fazer antes de a bebê chegar. Temos tempo e também não temos mais tempo algum. A aflição dele é uma graça. Eu ainda estou pensando majoritariamente em comida – o corpo manda, o corpo faz. Em sueco, *kropp*: uma bolota redonda e comprimida, um bando, um bucho, uma bolsa jugal, o papo de uma ave. O corpo é, em essência, um esôfago dilatado. Comida pode ser armazenada aqui dentro. Leite, produzido. Uma secreção celular reveste o corpo e alimenta pintinhos que acabaram de nascer (Molnar, 2024, p.176, grifos nossos).

As questões de maternidade e tradução se entrelaçam durante todo o livro, pois a protagonista faz questão que corpo, língua e escrita sejam norteadores para narrar a experiência brutal que está vivendo. Para a narradora é importante entender onde mãe e tradutora transitam juntas, fazendo que quem leia tenha a experiência destas articulações sem necessariamente ser uma pessoa que viveu, ou vai viver, a maternidade. Lanius também desmistifica que tradução é um ato solitário – assim como a maternidade não deveria ser –, e apresenta alguns casos em que chegou a resoluções ouvindo outras mães ou, ainda, dialogando com outras tradutoras.

A canadense Anne Carson, enquanto tradutora da peça *Antígona*, de Sófocles, diz que ela tomou como tarefa da tradutora não deixar a protagonista sem os seus gritos. Para você, qual a tarefa da tradutora de *Máquina de leite*?

A tarefa primordial, talvez, foi entender que não havia só uma tarefa envolvida – pois eu precisava entender, traduzir e recriar (e, por isso mesmo, manter) estranhezas múltiplas que se dão em níveis diferentes dentro do texto.

A primeira delas era a estranheza do corpo da narradora-mãe-tradutora: os pontos que pinicam, os seios que gotejam, a consciência afetada pela privação do sono. A segunda, a estranheza do estilo, pois a prosa do inglês reflete a elaboração em palavras de uma tradutora que habita línguas e culturas diferentes. Para além das divagações em latim e das palavras em sueco, há um transitar entre construções e expressões que são tipicamente estadunidenses e outras que carregam um sotaque; um desconforto de alguém que adotou uma língua para viver, mas ainda assim pede arrego àquela primeira língua da infância. Por fim, a terceira tarefa era encontrar os espaços certos para introduzir o português brasileiro dentro desse jogo.

A certa altura, a protagonista abre uma das entradas do livro dizendo “Vivo na ranhura entre duas palavras” e arremata, na página seguinte, “Um chute vindo da barriga me faz pensar sobre as escolhas de uma mãe. A mãe tem um idioma? Ela pode cultivar uma língua-mãe só dela? Ou só passá-la adiante... E a agência? Como se manifesta?”. *Máquina de leite* é um romance que articula a captura de cenas e situações pouco, ou nada, descritas na literatura, principalmente em relação à maternidade. Além disso, a protagonista se apresenta como uma tradutora, tentando dar conta desse projeto de tradução que é parir, cuidar de um bebê, ser esposa e pessoa vivendo no mundo. Como você, tradutora, construiu o seu próprio projeto

de tradução ao buscar não apenas resolver a narrativa crua, cheia de fluídos e cenas metamórficas, mas também lidando com um glossário peculiar de outra tradutora se construindo como personagem de um romance?

A própria Szilvia Molnar declarou, em uma entrevista, que posicionar a narradora enquanto tradutora foi algo estratégico porque de certa forma amplia a solidão e o isolamento da personagem: ela não tem família (assim como também não tem nome), tem poucas amigas e não convive com muitas pessoas a não ser o marido, o vizinho e a filha recém-nascida – três existências que demandam, da narradora, performances específicas e distintas.

De fato, um dos grandes clichês da tradução é que pessoas que traduzem trabalham, em grande parte, sozinhas, dentro de uma configuração em que estão presentes apenas elas próprias e a ranhura entre palavras vindas de dois idiomas. A minha ranhura foi tentar navegar pelas inúmeras metáforas, imagens, termos e formas de narrar que remetiam à água, uma vez que esta existe e aparece de várias maneiras dentro do romance. Enfiada no meio das correntezas, dos pingos que escorriam, do fluxo, dos rios, do banho e da inundação, precisei também criar um glossário para termos que não são apenas próprios da maternidade, mas que são específicos para a lida com recém-nascidos: os apetrechos, aparelhos, termos e processos neonatais.

Eu fazia anotações no caderno e no arquivo da tradução: “voltar aqui -- será que é só um paninho?”; “charutinho é o termo mais usado, ou será que é carioquês?”. Mas, diferente da narradora-tradutora, tive a sorte de poder contar com amigas tradutoras e amigas tradutoras que também eram mães; foram elas que me ajudaram a desvendar se em um determinado trecho a palavra certa seria “pega” em vez de “mamar”, ou se mais ali na frente o leite regurgitado pela bebê seria um “queijinho”. O glossário da tradução carrega, portanto, ecos de outras tradutoras e de suas próprias feitura.

Ainda sobre língua materna e o interesse, manifesto em várias entrevistas, da autora em criar uma história que se relacionasse com pessoas de todo lugar: as línguas presentes em *Máquina de leite* soam muito bem em português brasileiro, e suas variedades, na sua tradução. Pensando que Szilvia Molnar nasceu em Budapeste, cresceu na Suécia e vive nos Estados Unidos, escrevendo majoritariamente em inglês, como foi essa pesquisa? Destacaria, especialmente, alguma resolução?

Os passeios pelas línguas são passagens pelas quais tenho um apreço especial, tanto como leitora quanto como pesquisadora da tradução e, claro, como tradutora. Acredito que eles desempenham uma função primordial dentro da narrativa, pois é dentro deles que

a “fusão” entre a narradora-tradutora e a narradora-mãe começa a acontecer de forma mais concreta.

Boa parte do livro, afinal, é sobre esse embate entre uma mulher que era uma tradutora, mas que agora se vê mãe; um embate entre um corpo que antes percorria o mundo, mas que agora está suturado e cheio de vazamentos. Mas é nesses espaços que a ranhura possibilita a fusão. É dentro deles que temos um vislumbre do que é habitar a ranhura entre as palavras, uma vez que as associações, os saltos, as conexões à primeira vista desconexas entre palavras e imagens ajudam a narradora a costurar a tradutora que ela era (e continuará a ser) com a mãe que ela acabou de se tornar.

Como tradutora, tive a sorte de poder contar com a presença de muitas palavras em latim nesses trechos, o que me ajudou muito porque o português brasileiro tem raízes latinas. No entanto, passei muito tempo abraçada aos dicionários da língua para tentar achar algum sinônimo que funcionasse melhor para a frase ou a imagem construída em português. Em outros casos, precisei desbravar os idiomas que a narradora movimenta dentro da sua singularidade, como o sueco, e trabalhar com algumas migalhas que poderiam aparecer em português.

Foi o que aconteceu com as imagens que aparecem ligadas ao termo *kropp*, do sueco, na página 176. O xis da questão era manter não só a imagem de algo redondo, mas também de algo que armazenasse alimentos e que ainda mantivesse a aliteração em “b”.

Máquina de leite é narrado em primeira pessoa, a protagonista tradutora, mas também existe a presença de Miffo, esse alter ego metamórfico de uma espécie de mãe monstruosa. Como você, enquanto tradutora, observa esses mecanismos de linguagem que fazem do livro um romance e não somente um relato sobre a experiência da gravidez e do pós-parto?

A presença de Miffo é tão importante para a narrativa quanto a presença da própria narradora. Primeiro, tem o fato de que esse alter ego metamórfico tem um nome, enquanto a narradora não tem; além disso, também não podemos esquecer o fato de que esse nome está fortemente atrelado à infância da narradora e à perda da própria mãe. A cereja do bolo é que Miffo é uma palavra do universo sueco da narradora – sendo que o sueco é também sua língua de trabalho enquanto tradutora.

A presença dessa personagem, portanto, me parece um mecanismo importante de construção narrativa, uma vez que não só nos coloca frente a frente com a questão do “o que há num nome” (esta questão, tão cara a algumas vertentes dos Estudos da Tradução) mas também destaca algo que está ausente em muito do que se

consagrou como de praxe nas escritas sobre a maternidade: o fato de que há, por parte da mulher, uma identidade inteira em constante construção antes, durante e depois do nascimento da criança. Miffo não é uma vilã e tampouco precisa ser derrotada: ela é uma contraparte da narradora sem nome, da narradora tradutora e da narradora mãe, e possivelmente continuará existindo dentro de e com todas elas.

A tradutora argentina Laura Wittner, em *Viver e Traduzir*, diz que “Traduzir é ficar colada nas costas de alguém”. Essa proximidade é mediada pela linguagem e depois, simplesmente, deixamos esse alguém partir, não sem algum tipo de relação e coisas que ficam. Ao estilo da protagonista de *Máquina de leite*, como você traduz, em uma única nota, essa experiência de viver e traduzir o livro?

Penso em dois adjetivos: incessante e estranho. Nessa ordem mesmo. Primeiro, é incessante porque, como a própria Laura Witter e também a Kate Briggs dizem, ninguém lê um livro com os mesmos olhos da pessoa que vai traduzi-lo. E a leitura, claro, afeta a tradução. Ao longo dos meses em que traduzi o livro, eu perambulava pelas farmácias procurando produtos de recém-nascidos para ver quais eram os termos usados nos rótulos; rascunhava possíveis aliterações, rimas e jogos de palavras para usar no livro; lia em voz alta um parágrafo ou outro para experimentar o gosto daquelas palavras; perguntava para mim mesma: será que é mais comum a gente dizer isso ou aquilo? Ou aquilo outro?

O trabalho incessante faz a gente duvidar até do adjetivo que parece mais imediato. Faz a gente ler e reler, anotar, editar, mudar aquela ordem na frase para ver se assim a leitura não vai ficar melhor. E aí, depois de passar tanto tempo colada nas costas da autora, de sonhar e pensar e repensar o livro, ele vai embora. Vira um estranho; circula no mundo sem mim, apesar de ter vivido por tanto tempo no meu computador. Mesmo assim, consigo me reconhecer naquelas palavras que são (e não são, mas talvez por isso mesmo são) minhas; naquele sotaque de português do Brasil que agora habita o livro.

Referências

MOLNAR, Szilvia. **Máquina de leite**. Tradução: Marcela Lanius. São Paulo: Todavia, 2024. Título original: *The Nursery*.